

F C P F

magazine

EDIÇÃO 78 | JANEIRO 2023

FC PAÇOS DE FERREIRA



SC BRAGA

JORNADA 17 | 21 JAN 2023 | 15:30



EDITORIAL

NÚMERO 78 - JANEIRO 2023

TEXTOS:

Sara Alves

FOTOS:

Telmo Mendes

DESIGN:

Liff

IMPRESSÃO:

PaçoPrint

CIRAGEM:

1000

DISTRIBUIÇÃO:

Gratuita

TAMBÉM PODES LER A FCPF MAGAZINE ONLINE:



segue o paços



FC PAÇOS DE FERREIRA
RUA DO ESTÁDIO, 95
4590-571, PAÇOS DE FERREIRA

MARKETING@FCPF.PT

WWW.FCPF.PT

A onda positiva que desejávamos para 2023 está a confirmar-se e o FC Paços de Ferreira somou quatro pontos em dois jogos no novo ano, arrancando definitivamente para uma segunda parte da temporada que almejamos feliz.

É um Paços com a alma de um plantel renovado a mostrar valor suficiente para uma segunda volta que honre o seu indiscutível estatuto de Clube de I Liga. Esta nova ambição que a equipa apresentou, e que os adeptos ajudaram a sustentar, é essencial para tirar a equipa da situação classificativa em que se encontra, pois não podemos esquecer que pela frente há um caminho difícil e que será posto à prova nos três jogos que, no espaço de uma semana, teremos na Mata Real.

Os pontos são o melhor tónico que qualquer plantel pode ter na valorização do seu trabalho. Foi isso que nos faltou durante parte da primeira volta na Liga, mas que os dois últimos jogos ajudaram a fazer esquecer. O empate caseiro com o GD Chaves soube a pouco, mas a forma como no final a equipa foi apoiada pelos adeptos confirmou o seu empenho em breve seria recompensado na totalidade. Foi nesse clima de otimismo que o Paços encarou a deslocação ao Rio Ave e a excelente presença dos nossos adeptos em Vila do Conde provou a sua total confiança no êxito. O jogo confirmou a expectativa, sobretudo na forma abnegada como todos lutaram por manter a preciosa vantagem gerada pelo golo de Nigel Thomas. Foi lutar até ao fim e, após ser confirmada a primeira vitória da temporada, soltaram-se algumas lágrimas furtivas em descarga emocional que o sofrimento vivido ao longo dos últimos meses justificou. A malapata estava quebrada, qual Cabo das Tormentas dobrado a caminho de mares mais tranquilos. Foi só um triunfo, foram só três pontos, continuamos no fundo da classificação, mas acreditamos que este “click” nos vai trazer muitas alegrias nos próximos tempos.

A inesperada decisão da Liga de nos obrigar a fazer três jogos no espaço de uma semana no Estádio Capital do Móvel não veio facilitar a tarefa, mas como dizemos perante as adversidades: “Venham eles!”. Esta tarde defrontamos o SC Braga, atual segundo classificado da Liga e o Clube que mais tem crescido na luta pelo título. São dados suficientes para se antever o grau de dificuldade em campo, mas estamos fortes e só pensamos na vitória, e quando assim é não há adversário que nos intimide. É pra ganhar! E só depois pensar no SL Benfica e Gil Vicente FC que se seguem.

Nesta «FCPF Magazine» trazemos a destaque o regresso do guarda-redes Marafona. Bastou meia época no Clube - em 2015 - para termos a certeza de que era dos nossos. Sete anos depois, regressou e já com o feito de deixar a baliza pacense a zero, algo que não acontecia há vinte jogos na Liga!

A não perder também a estreia do Futsal na fase final da II Divisão Nacional; o Torneio Solidário promovido pela secção de Veteranos do Paços e, claro, a satisfação de Mauro Couto que, aos 17 anos, assinou contrato profissional com o Clube e foi chamado aos trabalhos da Seleção Nacional de Sub-18.

Força Paços!

PAULO GONCALVES
SECRETÁRIO TÉCNICO

MARAFONA**"O PAÇOS É UM CLUBE
DIFERENTE"**

Volta a uma casa onde já foi feliz, onde fez os adeptos felizes e onde espera agora repetir tudo isso – neste que é um regresso desejado por si e pelos muitos paçenses que se recordam da sua primeira passagem. Desde a sua última temporada ao serviço do Paços, sete anos se passaram. Sete anos de momentos bons e de momentos difíceis que são agora recordados – enquanto se vai traçando o caminho que nos levará a uma nova época memorável. Assim esperamos.

Passaram sete anos desde o teu último jogo pelo Paços na temporada 2015/2016. Como é estar de regresso?

É bom! Voltar foi uma decisão fácil. O Paços é um clube que conheço bem, a minha primeira passagem por cá correu muito bem, então resolvi vir e tentar ajudar, porque é um clube que merece.

Está um Paços muito diferente daquilo que era no teu primeiro ano?

Não, até porque as pessoas são praticamente as mesmas. É um Paços com melhores condições, é um Paços com uma melhor organização, mas continua a ser o clube que encontrei no passado. As pessoas são muito humanas e isso muitas vezes pesa na decisão de vir ou não para cá. Nisso o Paços é, realmente, um clube diferente,



porque as pessoas recebem-nos mesmo bem.

Essas condições – as novas infraestruturas – surpreenderam-te?

Não me surpreenderam, porque as pessoas de cá são ambiciosas – e até penso que na altura já havia o plano para fazerem isto. Não me surpreendeu, mas ainda bem que o Paços o fez, porque, tendo condições melhores, o clube vai-se tornando ainda melhor, digamos assim.

Disseste que voltar foi uma decisão fácil, mas quais foram os principais motivos que te levaram a abraçar esta proposta?

Primeiro, porque eu queria voltar a Portugal, queria jogar no meu país. Segundo, como disse anteriormente, porque me sinto bem no Paços e gosto das pessoas daqui. E depois foi também pelo desafio. É um desafio pelo qual nunca passei na minha carreira, é um desafio difícil – e como eu gosto de coisas difíceis, decidi aceitar.

**BRITO**

FABRICO DE MOBILIÁRIO DESDE 1972

4 ENTREVISTA marafona

E fizeste a tua “segunda estreia” logo na semana em que regressaste. Como te sentiste no jogo?

Senti-me bem. Apesar de já não jogar há algum tempo, senti-me bem e acho que consegui ajudar a equipa naquilo que foi preciso.

A tua primeira época – meia época –, foi memorável. Muitos adeptos referiram isso mesmo quando souberam da tua contratação. Como é que a descreves?

A minha primeira passagem aqui, até à altura, estava a ser muito boa. Estávamos praticamente no topo da tabela, a tentar os lugares que davam acesso à Liga Europa, e quando as coisas correm bem é sempre melhor para o jogador e para o clube. Portanto, nesse aspeto, é normal sermos lembrados por essas tais coisas boas.

E como é receber esse carinho dos adeptos, e perceber que conseguiste deixar aqui uma marca, mesmo tendo sido num curto período de tempo?

Quando as coisas correm bem, é natural haver ainda mais esse carinho. Mas penso que foi, principalmente, por esta minha forma de ser, de sempre dar tudo o que tenho pelo clube que represento – neste caso, o Paços de Ferreira. Penso que os adeptos se identificam com isso, e, aliado às boas exibições

que fiz, talvez daí tenha nascido um carinho especial.

Quais são as melhores recordações que guardas dessa altura?

Recordo-me de quase tudo, mas em particular do jogo na Madeira, com o Marítimo, e de outro no Bessa. Em ambos, as coisas em termos de jogo nem estavam a correr bem e tivemos duas vitórias que nos deram alento para continuarmos no cimo da tabela. Foram os jogos que me marcaram mais, nesse curto período de tempo que passei aqui.

Em janeiro de 2016 saís para o SC Braga, onde conquistas a Taça de Portugal. Disputas a final – que foi mesmo o teu primeiro jogo nessa edição da prova – e defendes dois penalties no desempate. Era impossível ter sido melhor?

Sim, até porque no Braga “estava definido”, assim entre aspas, que eu iria jogar o campeonato e o Matheus iria jogar a Taça de Portugal, mas, na final, o treinador decidiu pôr-me a mim e, realmente, consegui ajudar o Braga na conquista do troféu da Taça de Portugal – e com os penalties memoráveis.

Então, nem estavas à espera de ser titular nesse jogo...

À partida não, mas a meio da semana já desconfiava de que

poderia jogar, pelos sinais que iam dando.

Para muita da comunicação social foste o herói da final. Sentiste-te assim?

Não diria herói, mas senti-me importantíssimo naquilo que foi a conquista da Taça, porque ir a penalties é sempre diferente para os guarda-redes. É onde podemos mesmo decidir o jogo, e foi o que aconteceu. Senti-me importantíssimo, mas, acima de tudo, senti-me extremamente feliz por ter conquistado o troféu.

Nesse mesmo ano, no início da tua segunda época em Braga, também voltas a ser chamado à seleção. Estavas à espera?

Sinceramente, não. Mas sabendo que estava num clube que acaba por ter mais projeção, estando as coisas também a correr bem em Braga, acabaria por ser normal a chamada à seleção. Acho que fiz quase a toda a qualificação para o Europeu e depois, no último jogo do campeonato pelo Braga, lesionei-me e acabei por não ir.

A tua primeira convocatória tinha sido em 2015, ainda no Moreirense. A projeção é outra, seguindo o que estavas a dizer. Também não contavas com ela?

Também não estava a



O GUARDIÃO REGRESSA A PORTUGAL DEPOIS DE EXPERIÊNCIA NA TURQUIA

contar, porque, estando no Moreirense – e não desvalorizando o clube –, é mais difícil uma chamada à seleção. Mas aquilo era um jogo amigável e o selecionador tinha dito que ia chamar alguns jogadores para observar. Felizmente, no Moreirense o campeonato estava a ser bom, tanto individual como coletivamente. Se estava à espera? Não estava.

E em março de 2017 fazes a tua estreia com a Camisola das Quinas, num amigável frente à Suécia. É aí que percebes o porquê de todos os jogadores dizerem que representar o país é algo completamente diferente? Ou já tinhas percebido isso nos treinos, por exemplo?

Representar em jogo é realmente diferente, mas, apesar de nunca ter jogado, já estava a fazer o percurso com a seleção. Também não estava à espera de jogar, o selecionador não me disse. [Risos] Mas é mesmo um sentimento diferente, acho que ninguém consegue explicar. Quando queres ser jogador, o teu maior sonho, além de te tornares profissional, é representares o teu país, representares a seleção, e isso foi tornado realidade. Às vezes nem acreditamos. Só depois

de o jogo acabar é que assimilamos.

Ficaste a saber que ias ser titular só no dia anterior?

Não. Soube no dia do jogo, mesmo. [Risos] Não estava nada a contar, até porque tínhamos feito um jogo de qualificação no qual tinha jogado o Rui Patrício e depois íamos fazer esse amigável com a Suécia – e como estava eu, o Rui Patrício e o Anthony Lopes, pensava que ia jogar o Anthony Lopes, que, normalmente, era o segundo. Mas não, o selecionador pôs-me a mim. Até fiquei surpreendido por ter jogado o jogo todo e tudo. [Risos] Mas foi muito bom, foi gratificante.

Estava a ser uma época especial, até chegar o tal último jogo do campeonato. Tiveste logo noção da gravidade da lesão?

Não. Sinceramente, não, porque aquilo foi uma coisa muito rápida. Quando me tentei levantar, não consegui apoiar o pé no chão. Tentava e não conseguia mesmo, mas nunca pensei que fosse uma rotura de ligamentos – que é, praticamente, a lesão mais grave que um jogador de futebol pode ter.



MCOUTINHO



E o que é que passa pela cabeça nessas alturas? Quando tens a consciência da lesão que é e da paragem que tens de enfrentar...

Ao início, quando não sabia que tipo de lesão era, o meu pensamento foi “Vou ser operado, recuperar e essas coisas todas”. Mas chega ali uma altura em que percebo que é uma lesão tão grave, tão massacrante, que pensei em desistir.

Pensaste nisso já durante o tratamento ou ainda antes?

Durante. No início, tu não te apercebes muito bem. Estás ali na fase do pós-operatório, é normal sentires dores. Mas a recuperação da lesão em si não é fácil e tens de ser muito forte psicologicamente, porque há um dia em que pensas que já podes saltar, correr e fazer tudo, e no outro já quase nem consegues andar. Tens de ser muito forte psicologicamente, se não, não vais conseguir ultrapassar a lesão.

O apoio da família e dos amigos é de extrema importância.

É muito importante. Posso confessar que às vezes chegava a casa e desatava a chorar do nada, porque não conseguia fazer as coisas sozinho, tinha de pedir ajuda para tudo, e isso faz-nos sentir mais em baixo. O apoio da família, do meu filho – que já dizia umas palavrinhas –, foi, realmente, muito importante. Penso que se não fossem eles, se estivesse sozinho, teria desistido.

Olhando para trás, sentes que isso ditou o “adiamento” de um regresso à seleção?

Para mim, aquela estava a ser uma fase importante na seleção. Estava a começar a conseguir ganhar o meu espaço, e essa lesão, obviamente, retirou-me tudo – até porque demorei mais do que o previsto na recuperação. Além disso, também não joguei com tanta regularidade depois da operação. Penso que devo ter feito uns dez jogos, no ano a seguir, o que não é muito para um guarda-redes. E, claro, depois passam-nos à frente, como em tudo na vida. Essa lesão acabou por prejudicar muito aquilo que foi a minha carreira até agora.

E, entretanto, surge o Alanyaspor da Turquia. Como é que foi abraçar o primeiro desafio fora de Portugal aos 32 anos?

Foi algo que nunca tinha pensado. Honestamente, não me passava pela cabeça sair de Portugal, mas tendo em conta a

L F M

— FOLHAS DE MADEIRA —

situação, não estando a jogar tanto no Braga, arrisquei. Falaram-me bem do clube, tinha alguns colegas lá a jogar e arrisquei. Era para ficar dois anos, fiquei quatro, por isso, só por aí dá para ver que arrisquei bem. Foi bom para mim, não só financeiramente, mas para a minha carreira e em termos pessoais – conhecer outro país, outra cultura, outras pessoas, foi realmente bom.

Um país diferente, uma cultura diferente, uma língua muito diferente... Qual foi o primeiro impacto?

Vou ser sincero: o primeiro impacto foi mau. Foi mau, porque os turcos são muito desorganizados. No meu segundo dia na Turquia, fomos para Istambul. Acabamos o que tínhamos para fazer, deixaram-me no meio da rua e disseram-me “Daqui a dois dias é para apareceres aqui neste mesmo sítio”. E eu não conhecia nada. [Risos]

Ficaste sozinho?

Sim. Chegamos lá no autocarro, e deram dois dias livres aos jogadores. Tinha acabado de chegar e só via uns a pegar nos táxis para a esquerda, outros para a direita, e pensei “Para onde é que eles vão?”. Eu não falava turco, inglês falava pouco, e tive de ligar para o tradutor para saber o que se passava. E ele diz-me “Amigo, tens dois dias de folga. Podes ir para onde quiseres. Daqui a dois dias, a esta hora, apareces aqui no mesmo sítio”. E pronto. Quando isso aconteceu, pensei em pegar nas minhas malas e voltar a Portugal, mas, por acaso, tinha lá um hotelzinho perto e meti-me lá os dois dias, porque não conhecia nada. Os atletas brasileiros e portugueses ainda estavam de férias, então fiquei ali sozinho. Agora, com o passar do tempo, já sei que é normal, mas na altura...

E como era a zona onde vivias?

A zona onde vivi é fantástica. É uma zona turística, uma cidade pequena, não há grande stress. Vivia em Alanya, ao lado de Antália. É uma

cidade pequenina, com praia, onde faz sol uns oito meses por ano, com temperaturas sempre altas, bons restaurantes. Para viver é do melhor.

O que é que foi mais difícil durante a adaptação?

Lidar com o calor! Com a comida também um pouco, ao início. Mas o calor... Não tens noção do calor que faz lá. São quatro da manhã e estão 30°C. É mesmo muito quente. Se o treinador quisesse dar treino de manhã, tinha de ser às 6h, e depois só treinávamos às 20h. Não é sempre assim, isto era o pico, mas mesmo agora em dezembro, quando vim embora, ainda faziam praia. Ainda estavam cerca de 23°C.

Houve algo que te tenha surpreendido, relativamente à cultura e aos costumes?

O que me surpreendeu pela positiva foi a maneira como tratam as crianças. Adoram crianças, ninguém lhes pode fazer mal. Em cada sítio que tu vás, sejam restaurantes, praia ou piscina, há um parque para as crianças. O que me surpreendeu pela negativa é que eles não gostam muito de usar desodorizantes. [Risos] Mas não são todos.

Algo que caracteriza o futebol turco é o ambiente nos estádios de clubes como o Galatasaray, Besiktas... É algo transversal aos outros clubes também?

O ambiente nos estádios é realmente fantástico. Jogar num Galatasaray, num Fenerbahce, num Besiktas, num Trabzonspor, que têm massas adeptas maiores, é para sair de lá com uma dor de cabeça... [Risos] Porque, além disso, os estádios entoam muito. Imagina o que é 50 ou 60 mil pessoas sempre aos gritos. Aquilo entoam muito.

Ou seja, por muito que um jogador se queira abstrair do que se passa à volta, não consegue. Não tem hipótese. E depois aquilo é moedas, é isqueiros, é sapatilhas... É tudo para dentro de

8 ENTREVISTA marafona

campo, se as coisas estiveram a correr mal. O sapato manda-se de volta e a pessoa até se ri. Mas, por acaso, adorava aquilo. Nunca tive problemas em nenhum estádio.

Quais são as principais diferenças entre o futebol turco e o futebol português?

A organização. Já começa a ser um futebol mais organizado, mas eles dividem muito o jogo. Cinco defendem, cinco atacam, e chega ali a uma altura em que é uma correria, já não há tática, já não há nada. É o “salve-se quem puder”.

Conseguiste recuperar aquilo que tinha ficado um pouco em suspenso em Portugal? A confiança, a forma física...

Sim. A seguir à lesão joguei pouco, e na Turquia acabei por jogar com a regularidade que eu queria. Fiz todos os jogos do campeonato, fomos à final da Taça da Turquia, qualificamo-nos para a Liga Europa – a primeira vez do clube – e claro que isso nos motiva e nos dá confiança para desenvolvermos o nosso trabalho.

Há algo da Turquia que gostarias de ter trazido para cá?

Há é algo que eu gostaria de mudar lá. Gostava que fossem mais abertos. Há uma mentalidade muito fechada no que diz respeito às mulheres. Uma mulher casada com um turco não pode sair com uma amiga, por exemplo. A mulher só pode sair para um restaurante se for acompanhada pelo marido. Isso deixava-me com uma sensação esquisita. Só de observar sentia-me assim. Pelo que fui sabendo, já foi um país mais fechado nesse aspeto. Já começam a abrir horizontes, mas, mesmo assim, ainda notas que o é, principalmente em relação às mulheres turcas. Se uma mulher turca fizer sexo antes do casamento, dificilmente vai casar. Mas se for um homem já não há problema.

Para nós, que vivemos uma outra realidade,

são coisas incompreensíveis. E para elas? Vão tentando contrariar essa repressão?

Acho que já começam a perceber isso, e começam também a querer sair desse regime. Já respondem ao marido, no sentido de tentarem que ele as entenda. Mas não é fácil.

Sendo a Turquia também um país com algumas tensões, houve algum momento que te tenha deixado em maior estado de alerta ou preocupação?

No meu primeiro ano. Há uma cidade, Gaziantep, que faz fronteira com a Síria. Quando chegamos e saímos do aeroporto, só via tanques. Parecia que ia para uma guerra. A cidade era muito antiga, muito partida... Era uma zona mais complicada por causa da fronteira com a Síria, no fundo, mas era mais uma questão de proteção. Mas essa cidade... Estava no hotel e via miúdos que não deviam ter mais de dez anos a mandar tiros para o ar. Já vi coisas que pensei que nunca ia ver na vida. Já vi crianças a tirar comida do lixo, mesmo em Istambul. Do lixo! São coisas que eu pensava que lá não existiam – e não deviam existir, porque a Turquia é um país de enorme poderio financeiro. Mas lá ou és rico ou és pobre.

É o 8 ou o 80...

Sim. Tanto vês um rico como a seguir estás a andar e encontras alguém a apanhar comida do lixo para comer. Nunca tinha visto aquilo. Alguém a apanhar comida do lixo, a sentar-se ao lado e a comer, com um bebé pequeno. As lágrimas caíam-me. Nunca tinha visto aquilo.

Falemos agora do início, de como tudo começou. Sempre quiseste ser guarda-redes?

Não. Comecei como extremo esquerdo, no Rio Ave. Jogava ali pela esquerda. E naquela altura, quando preparávamos um jogo com o Leixões, na formação, todos sabíamos que eles tinham um rapaz que era mais desenvolvido do que todos os outros. Então, o Leixões dava goleadas a quase



DEVEESA'
COMBUSTÍVEIS

todas as equipas por causa desse miúdo. Ele pegava na bola e era de baliza a baliza, praticamente. E antes do nosso jogo com eles, o treinador disse-me “Vais tu para a baliza”. E acho que esse deve ter sido o único jogo da série em que o Leixões só deu 1-0 a uma equipa. [Risos] Estive realmente bem no jogo. E foi a partir daí. As coisas correram bem e comecei a ficar na baliza. Tinha uns 11/12 anos.

O teu irmão também era guarda-redes. Isso influenciou?

Sim. Provavelmente, ele teve um bocado de influência na minha ida para a baliza. Eu era infantil, ele era juvenil/júnior e um bom guarda-redes. E, na altura, as pessoas viam muito dele em mim, e se calhar o facto de o treinador me ter dito aquilo naquele jogo foi por influência do meu irmão. Como ele tinha jeito, eles disseram “Vamos ver se este também tem, pode ser genético”. [Risos] E aconteceu assim.

Começaste no Rio Ave e depois seguiste para o Varzim, onde te estreaste como sénior. Para uma pessoa natural de Vila do Conde, não foi uma troca “arriscada”?

Não, porque os meus amigos eram todos de Vila do Conde e da Póvoa. Aquilo era mais uma rivalidade antiga, dos mais velhos. [Risos] Troquei o Rio Ave pelo Varzim, porque disse-lhes que não queria ser guarda-redes, queria ir para a frente, e eles diziam que não, que eu tinha de ir à baliza. “Então vou embora”. [Risos] Cheguei ao Varzim e fui para a frente, mas passado algum tempo também me meteram na baliza, porque disseram que tinha mais jeito lá. E foi assim. Mas não tinha grandes problemas com a rivalidade.

Já são quase 400 jogos como sénior. O que é que ainda há para cumprir?

Fazer, pelo menos, mais 400. [Risos] Não. O meu maior objetivo é jogar, ajudar a equipa, e é isso que vou fazer enquanto continuar.

Uma mensagem para os adeptos.

Se calhar todos dizem o mesmo, para eles acreditarem, mas é mesmo isso que peço. Que acreditem. Nós sabemos que estamos numa situação difícil, sabemos que vai ser muito difícil, mas se não formos nós, com a ajuda deles, a tentar dar a volta, mais ninguém nos vem cá ajudar. Por isso, peço que nos ajudem, porque tenho a certeza de que este grupo de trabalho vai dar tudo para, no mínimo, tentar reverter a situação.

BILHETES

26 JANEIRO | 20:15H

SÓCIOS C/ QUOTA 72
ENTRADA GRÁTIS

BANCADA CENTRAL
35€

TOPO NASCENTE
25€

VISITANTES - TOPO PUNTE E ZCZAP
13€*

LIGA PORTUGAL
JORNADA 12

BILHETES PARA ZCZAP VISITADO E VISITANTE À VENDA ATÉ 48H ANTES DO JOGO
* BILHETES À VENDA NAS BILHETEIRAS DO SL BENFICA

SOLVERDE COVIRCOL Tintinhas LIMPACTOS FVESA JOMA RE/MAX NorteCar





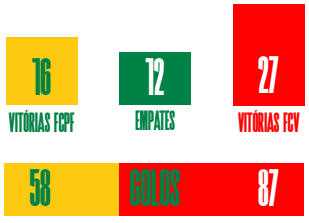
ADVERSÁRIO DE HOJE
SC BRAGA
FUNDAÇÃO: 19 DE JANEIRO DE 1921
PRESIDENTE: ANTÓNIO SALVADOR
TREINADOR: ARTUR JORGE
ESTÁDIO: MUNICIPAL DE BRAGA
LOTAÇÃO: 30000 LUGARES



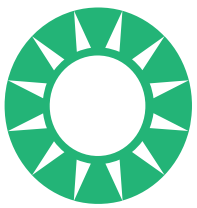
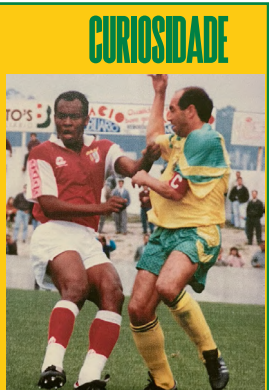
O novo ano parece ter trazido um novo ânimo para o FC Paços de Ferreira, que conquistou quatro dos seis pontos que estiveram em disputa. Ainda há muito caminho pela frente e todos estão cientes das dificuldades, mas o foco é só um e há que continuar a somar. Esta tarde, frente ao SC Braga, há mais três pontos em jogo.

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

55 JOGOS



FC Paços de Ferreira e SC Braga sobem hoje ao relvado para aquele que será o 56º desafio entre ambos, desde 3 de novembro de 1974 – dia do primeiro encontro, ainda na II Divisão Zona Norte, no qual os Castores saíram vencedores (1-0). Atendendo aos jogos a contar para a Primeira Liga, o confronto direto dá vantagem aos bracarenses, mas, se restringirmos a análise aos duelos que foram realizados no Estádio Capital do Móvel, é o Paços quem sai por cima: dez vitórias, cinco empates e oito derrotas. Será este um bom pronúncio para o jogo desta tarde?



SOLVERDE.PT



NIGEL assinou o seu segundo golo na Liga Portugal Bwin na cobrança de um livre direto. O golo revelou-se fundamental na conquista da primeira vitória da época.

- GUARDA-REDES**
 JORDI 1
 JOSÉ OLIVEIRA 24
 MARAFONA 28
 IGOR VEKIC 98
- DEFESA**
 NUNO LIMA 3
 PEDRO GANCHAS 4
 ANTONES 5
 BELGADO 15
 LUIS BASTOS 20
 JORGE SILVA 21
 ERICK FERREIRA 23
 MARACAS 25
 VIGÁRIO 27
 FERNANDO FONSECA 29
 FLAVIO RAMOS 32
 ILORI 34
- MÉDIOS**
 JORDAN 6
 ABBAS 8
 NICO GAITAN 10
 BASTIEN TOMA 14
 MATCHOI 16
 LUIZ CARLOS 22
 RUI PIRES 26
- AVANÇADOS**
 NIGEL THOMAS 7
 ULLTON 9
 FÁBIO GOMES 11
 ARTHUR SALES 13
 ADRIAN BUTZKE 17
 ALEXANDRE GUEDES 30
 MAURO COUTO 41

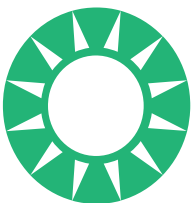
- GUARDA-REDES**
 1- MATHEUS
 12- TIAGO SA
 91- LUKAS HORNIKEC
- DEFESA**
 2- VÍCTOR GÓMEZ
 3- TORMENA
 4- NIAKATE
 5- SERDAR SAATCI
 6- SEQUEIRA
 15- PAULO OLIVEIRA
 24- BRUNO RODRIGUES
 26- BORJA
 42- GUILHERME SOARES
 78- FÁBIANO
 76- DINIS PINTO
- MÉDIOS**
 8- AL MUSRATI
 10- ANDRÉ HORTA
 18- UROS RACIC
 29- GORBÝ
 88- ANDRÉ CASTRO
 89- PEDRO SANTOS
- AVANÇADOS**
 7- RODRIGO GOMES
 9- ABEL RUIZ
 11- ROGER FERNANDES
 14- ALVARO DJALO
 18- DIEGO LAINEZ
 21- RICARDO HORTA
 23- SIMÓN BANZA
 45- IURI MEDEIROS
 71- HERNANI
 92- RODRIGO MACEDO
 99- VITINHA



O médio **PEDRO SANTOS** conhece bem a Mata Real, tendo representado o nosso clube nas camadas jovens em 2016/17 e 2017/18.

O ÚLTIMO JOGO DO SC BRAGA

Segundo classificado da Liga Portugal Bwin, a quatro pontos do primeiro lugar. Eis a situação do SC Braga, que na 16ª jornada carimbou novo triunfo, graças a um golo de Vitinha, logo no arranque da segunda parte (46') frente ao Boavista FC. O «onze» que Artur Jorge fez alinhar contou com Matheus Magalhães, Víctor Gómez, Tormena, Paulo Oliveira, Nuno Sequeira, Iuri Medeiros, Al Musrati, Uros Racic, Ricardo Horta, Abel Ruiz e Vitinha. Este foi também o terceiro jogo consecutivo para o campeonato em que os arsenalistas viram a sua baliza a zeros.



SOLVERDE.PT



Mauro Couto assinou um contrato profissional com o FC Paços de Ferreira válido até ao final da época 2024/2025. “É uma sensação de muita felicidade, estou muito orgulhoso. Este é um objetivo de todos os jovens que querem chegar ao maior patamar do futebol português, e fazê-lo pelo Paços de Ferreira é especial, porque é um clube que admiro imenso”, afirmou após a assinatura do novo contrato.

O jovem avançado de 17 anos chegou à Capital do Móvel em 2021/2022, reforçando a equipa Sub-17. Já na presente temporada, além da participação no Campeonato Nacional de Juniores A, Mauro Couto tem integrado os trabalhos da equipa profissional de futebol. Em setembro, cumpriu a sua estreia pelos seniores, na sexta jornada da Liga Portugal Bwin, diante do Casa Pia AC, e, posteriormente, disputou os três encontros relativos à Taça da Liga: “Tudo o que está a acontecer é fruto do trabalho e também da aposta do Paços em mim, mas, individualmente, tem sido uma época muito conseguida. Alcancei coisas que, obviamente, queria alcançar, mas nunca pensei que fosse tão cedo”.

Para o camisola 41 dos Castores, falta agora ver garantido o objetivo coletivo: “A cereja no topo do bolo que tem sido esta época é a equipa conseguir a manutenção. E acredito que vamos conseguir”.



RE/MAX®

Futsal já disputa o Apuramento do Campeão

No último sábado, o Pavilhão Municipal foi o palco da estreia do futsal do FC Paços de Ferreira na segunda fase da II Divisão Nacional. Com o principal objetivo da temporada já conquistado – a manutenção –, os Castores disputam agora o Apuramento do Campeão, que reserva as duas vagas de acesso à Liga Placard.

Na receção ao CF Os Belenenses, a formação pacense não conseguiu uma entrada com o pé direito, tendo perdido por 2-5, com Slimani a ser o autor dos dois golos.

Depois do desafio desta tarde em Alcobaça, diante do CCRD Burinhosa, o FC Paços de Ferreira tem novo jogo em casa agendado para o dia 11 de fevereiro, às 16h, frente ao SC Nun'Álvares – equipa que venceu por 7-4 na primeira fase.



Torneio Solidário leva magia ao Castelo do Guga



Organizado pelos Veteranos do FC Paços de Ferreira, o Torneio Solidário “O Castelo do Guga” permitiu a angariação de fundos monetários que visam ajudar na aquisição de uma viatura adaptada às necessidades do Gonçalo – um menino de 12 anos portador de paralisia cerebral com 99% de incapacidade.

Para que possa fazer as suas deslocações de forma confortável e em segurança, nomeadamente para as terapias, que são de extrema importância, o Gonçalo necessita

Norte Car
automóveis

14 NOTÍCIAS

de uma viatura adaptada à sua cadeira de rodas. Atualmente, as suas viagens são feitas numa cadeira de transporte automóvel, mas o tamanho máximo já está a ser utilizado, pelo que, sem a referida viatura adaptada, não poderá sair de casa no futuro. Através da plataforma “Paços Solidário”, o FC Paços de Ferreira teve conhecimento do caso e avançou com a criação do evento – ao qual prontamente se juntaram as equipas de veteranos do USC Paredes, do GD Chaves e do GD Vilar de Perdizes, bem como várias empresas que também quiseram deixar o seu contributo para esta causa. No último jogo realizado no Estádio Capital do Móvel, frente ao GD Chaves, o valor obtido no Torneio Solidário foi entregue ao Gonçalo e à sua família, juntamente com outras lembranças que ajudaram a tornar o Castelo do Guga um local mais feliz. Quem quiser contribuir para que o pequeno Gonçalo possa realizar o seu sonho, ainda pode fazê-lo através do site www.gofundme.com/uma-carrinha-adaptada-para-o-guga.



JEF

JOSÉ FERNANDES



MERCADO 2022/2023

Depois de Alexandre Guedes, Maracás e Marafona, o FC Paços de Ferreira viu chegar um novo reforço. Com a missão de fazer golos, imprescindíveis no ataque à manutenção, Fábio Gomes já integrou os trabalhos na Capital do Móvel e espera agora pela estreia com a cruz dos templários ao peito. O mercado de inverno continua a mexer.

FÁBIO GOMES | 25 ANOS | AVANÇADO | BRASILEIRO

Proveniente dos brasileiros do Clube Atlético Mineiro, Fábio Gomes é o mais recente atleta a estar às ordens de César Peixoto, na Mata Real. Em 2022, o ponta de lança de 25 anos representou o "Galo" em 16 partidas, das quais resultaram três golos e duas assistências. Já na segunda metade da época, rumou até ao Vasco da Gama, da Série B, clube pelo qual disputou mais nove jogos.

Esta é a primeira experiência de Fábio Gomes em Portugal e no futebol europeu, mas não é a sua primeira aventura fora do Brasil. Em 2020 alinhou pelos japoneses do Albirex Niigata, e em 2021 pelos norte-americanos do NY Red Bulls.

Mensagem: "O nosso objetivo vai ser cumprido. Nós vamos à luta!"

EX-Vasco/A. Mineiro | Contratado a título de empréstimo



FIXPAÇOS
fixing solutions



MUSEU AMARELO

Em dia de receção ao SC Braga, eis alguns factos históricos que envolvem as duas equipas e que estão retratados no museu do clube.

Por ocasião das celebrações do 60º aniversário do FC Paços de Ferreira, em 2010, o SC Braga ofereceu uma miniatura do Estádio Municipal de Braga.



Caldas de
Penacova
Água Mineral Natural



Antes da mudança para o Estádio Municipal de Braga, era o Estádio Municipal 1º de maio a casa dos arsenalistas. Na imagem, a fachada do recinto numa lembrança oferecida pelo clube.



Um adereço para honrar instituições, associações, organismos e clubes ou para sinalizar um acontecimento ou uma data importante. Os galhardetes são um clássico no futebol, e não raras vezes vemos os capitães das equipas a jogo fazerem a troca dos mesmos, antes do apito inicial. Nesta foto, eis o que o SC Braga ofereceu ao FC Paços de Ferreira naquele que foi o primeiro duelo entre ambos na Primeira Divisão Nacional. A 5 de outubro de 1991, os Castores – que ainda davam os seus primeiros passos no principal escalão do futebol português – foram à cidade dos arcebispos para a sétima jornada da temporada 1991/1992. O resultado acabou por não ser o desejado pela formação pacense, que perdeu por 3-1 – mas a “vingança” surgiu na segunda volta, com um triunfo por duas bolas a uma.

mercaimOx
aço inoxidável



escorpião
Interiores



ÚLTIMO JOGO

LIGA PORTUGAL **bwin**



0-1



33' NIGEL THOMAS

RIO AVE FC

Jonathan, P. William, A. Santos, Josué Sá (73' André Pereira), Costinha, Guga, Samaris (46' Aziz), P. Vitor (59' F. Ronaldo), M. Baeza (60' Hernâni), Ruiz (46' J. Graça) e Boateng

FC PAÇOS DE FERREIRA

Marafona, Delgado, Lima, Maracás, Antunes (66' Bastos), Rui Pires, Luiz Carlos (66' Toma), Matchoi (88' Erick), Uilton (85' Jorge Silva), Nigel Thomas (73' Gaitan) e Alexandre Guedes.

ESTATÍSTICAS

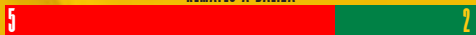
POSSE DE BOLA



REMATES



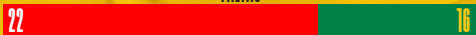
REMATES À BALIZA



CANTOS



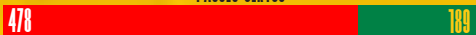
FALTAS



TOTAL DE PASSES



PASSES CERTOS



VÊ O QUE A TV NÃO MOSTRA. PELA LENTE DA FC PF TV

FC PF SIDELINE

DISPONÍVEL NO CANAL DE YOUTUBE DO FC PAÇOS DE FERREIRA







PaçoPrint
A sua marca
gráfica